

Aspectos sociodemográficos relacionados à agressividade e ao fanatismo em uma torcida de futebol*

*Sociodemographic aspects related to aggression
and fanaticism in soccer fans*

*Aspectos sociodemográficos relacionados a la agresividad
y al fanatismo en una hinchada de fútbol*

*Vivian de Freitas Bandeira**
Denise Gimenez Ramos****

Resumo

Esta pesquisa objetivou verificar a correlação entre fanatismo, agressividade e dados sociodemográficos, em torcedores homens, do Sport Club Corinthians Paulista. A pesquisa se faz relevante à medida que os confrontos entre torcedores são frequentes. Para tanto, foram aplicados em 150 torcedores dois questionários: Questionário de Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol e Questionário de Agressividade de Buss-Perry. Os resultados revelaram uma correlação positiva entre fanatismo e as quatro dimensões da agressividade – física, verbal, raiva e hostilidade. As duas últimas foram as mais determinantes para a definição de um alto nível de fanatismo. Os torcedores mais jovens, assim como os com menor nível de instrução, apresentaram maior nível de fanatismo e agressividade, em todas as dimensões. Aqueles com menor renda, tinham maior nível de fanatismo e agressividade hostil e verbal; enquanto que, os solteiros apresentaram maior nível de agressividade hostil. Na perspectiva junguiana, podemos observar que há um rebaixamento do nível da consciência quando os torcedores estão em meio à multidão, o que pode ocasionar uma

* Trabalho realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, PIBIC/CNPq, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: vifbandeira@gmail.com

*** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: deniseramos@uol.com.br

identificação maior com o time, levando o torcedor a sentir-se como sendo o próprio time. Este, levado por uma identificação inflada, pode cometer atos violentos.

Palavras-chave: Fanatismo; Agressividade; Torcida de Futebol.

Abstract

This research aimed to verify the correlation between fanaticism, aggression and sociodemographic datas, in male supporters of the Sport Club Corinthians Paulista. The research becomes relevant due to the frequency of clashes between soccer fans. To this end, two questionnaires were used on 150 soccer fans: Football Fanaticism Scale Questionnaire and Buss-Perry Aggression Questionnaire. The results revealed a positive correlation between fanaticism and the four dimensions of aggressiveness - physical, verbal, anger and hostility. The last two aforementioned dimensions were the most determining factors in defining a high level of fanaticism. Younger fans, as well as those with lower levels of education, had a higher level of fanaticism and aggression in all dimensions. Those with lower income had a higher level of fanaticism and hostile and verbal aggression; while singles had a higher level of hostile aggression. In the Jungian perspective, we can establish that there is a lowering of the level of consciousness when the fans are in the crowd, which can lead to a greater identification with the team, leading the fan to feel like the team itself. The latter, driven by inflated identification, can commit violent acts.

Keywords: Fanaticism; Aggressiveness, Soccer Fans.

Resumen

Esta investigación tuvo como objetivo verificar la correlación entre fanatismo, agresividad y datos sociodemográficos, en hinchas hombres, del Sport Club Corinthians Paulista. La investigación se hace relevante a medida que los enfrentamientos entre aficionados son frecuentes. Para ello, fueron aplicados dos (2) cuestionarios en 150 aficionados: Cuestionario de Escala de Fanatismo en Hinchas de Fútbol y Cuestionario de Agresividad de Buss-Perry. Los resultados revelaron una correlación positiva entre fanatismo y las cuatro dimensiones de la agresividad - física, verbal, rabia y hostilidad. Las dos últimas fueron las más determinantes para la definición de un alto nivel de fanatismo. Los aficionados más jóvenes, así como los que tenían menor nivel de instrucción, presentaron mayor nivel de fanatismo y agresividad, en todas las dimensiones. Aquellos con menores ingresos, tenían mayor nivel de fanatismo y agresividad hostil y verbal; mientras que los solteros presentaron un nivel mayor de agresividad hostil. En la perspectiva junguiana, podemos observar que hay un descenso del nivel de la conciencia cuando los aficionados están en

medio de la multitud, lo que puede ocasionar una identificación mayor con el equipo, llevando al hincha a sentirse como siendo el propio equipo. Éste, llevado por una identificación inflada, puede cometer actos violentos.

Palabras clave: *Fanatismo; Agresividad; Hinchada de Fútbol.*

INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil é um setor de lazer e de entretenimento para grande parte da população. Como aponta uma pesquisa realizada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), citada por Murad (2017), o futebol é a atividade preferida do brasileiro que vive nos centros urbanos e suburbanos.

Para além da função social e agregadora que o futebol possui, sua popularidade vai além das fronteiras, o que pode ser observado pelo fato da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) ter mais países filiados do que a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) (Murad, 2017).

Entretanto, por ser tratar de um esporte competitivo, a disputa que deveria ocorrer dentro do jogo acaba por vezes sendo transposta para brigas entre torcedores nas arquibancadas. Os conflitos entre torcedores de times adversários e, até mesmo, entre torcedores do mesmo time, mas que pertencem a diferentes organizações, são recorrentes e violentos. Isto porque, enquanto a disputa dentro do campo de futebol está contida por regras, a que ocorre fora, não está (Murad, 2017).

O denominado “País do Futebol” é onde ocorrem, desde 1999, mais mortes por brigas entre torcedores no mundo. O Brasil tem histórico de 42 mortes entre 1999 a 2008, em uma proporção crescente; alcançando 09 mortes em 2009; 12 em 2010; 11 em 2011; 23 em 2012; 30 em 2013; 20 em 2014, 16 em 2015, 13 mortes comprovadas e 04 em investigação em 2016 e 11 mortes em 2017 (Murad, 2017; Pires, 2017). Das mortes que ocorreram no período de 2009 a 2016, 68,8% não tinham conexão com grupos agressivos, mas sim, com torcedores comuns. Em uma pesquisa realizada em 2009 e atualizada 2016, 69,5% dos torcedores relatam que reduziram o número de idas aos estádios de futebol devido à violência (Murad, 2017).

A violência entre torcedores nos jogos de futebol é antiga, embora o primeiro registro foi em meados dos anos sessenta na Inglaterra com o *hooliganismo* (Pinsky, C. B., & Pinsky, J., 2004). Em função da importância do futebol na “criatividade coletiva, identidade, sociabilidade e sentimento de pertença” (Murad, 2013, p. 61), podemos investigar se a violência decorrente dos confrontos entre torcedores tem relação com fanatismo, níveis de agressividade e aspectos sociodemográficos. Desta forma, propomos investigar se há correlação entre níveis de fanatismo e agressividade em torcedores de futebol e se há uma associação entre estas variáveis com aspectos sociodemográficos – idade, nível de instrução, estado civil e renda – de forma a replicar e ampliar o delineamento experimental de Coriolano e Conde (2016), o qual será descrito na revisão de literatura, a fim de observar esse fenômeno em outra população, isto é, outra cidade, estado e time.

A revisão de literatura sobre o tema revela, como no estudo de Wann, Carlson e Schrader (1999), a relação entre dois tipos de agressão verbal – hostil e instrumental – de torcedores com o nível de identificação com o time. A primeira é motivada pela raiva e o único objetivo é ofender. Já a segunda, o torcedor ao ofender, busca aumentar as chances de sucesso do seu time. Nos resultados da pesquisa não foram constatadas diferenças entre mulheres e homens em relação ao tipo de agressão verbal e nível de identificação com o time. Os expectadores altamente identificados com o time apresentaram maior nível de agressividade hostil e instrumental, em comparação com os de baixo nível de identificação. A equipe de arbitragem foi mais alvo de agressão do tipo hostil, enquanto que a agressão dirigida aos adversários, foi tanto hostil quanto instrumental.

Wann, Shelton, Smith e Walker (2002) concluíram que homens têm maior identificação com o time favorito, em comparação com as mulheres; também observaram, apenas nos homens, uma correlação significativamente positiva entre torcida e traço de agressão, que incluí a agressão física, verbal e hostilidade, exceto a raiva, a qual não foi significativa.

Em outra pesquisa, Wann, Haynes, McLean, e Pullen (2003) avaliaram a propensão de torcedores em realizar atos hostis anonimamente. Constataram que os homens apresentaram maior propensão à torcida que as mulheres, com maior identificação com o time, em concordância com

os resultados anteriores, e maior inclinação em cometer atos anônimos de agressão hostil. Observaram que quanto mais destrutiva for a agressão, menor é a inclinação para cometê-la.

Wakefield e Wann (2006) examinaram a relação entre identificação com o time e o grau de disfunção dos expectadores, ressaltando que disfuncional, nesse contexto, refere-se àqueles que veem o confronto como um componente natural da experiência de expectador, sendo propensos a um comportamento agressivo. O estudo apontou que existe uma correlação positiva entre identificação com o time e expectadores disfuncionais, estes são mais frequentemente explosivos com os árbitros, fãs e treinadores; consomem mais álcool durante o jogo e acessam mais mídias esportivas; frequentam jogos longe de casa; são mais críticos com os serviços dos estádios, equipe de arbitragem e treinadores. Quanto a suas características individuais são: jovens; homens; solteiros; moradores de apartamento e sem crianças em casa, com menor renda e acesso à educação.

A pesquisa elaborada por Rahmati, Kabiri e ShadManfaat (2014) estudou a relação entre identidade esportiva e identificação com o time e seus efeitos na agressividade de fãs de futebol. Compreende-se por identificação com o time a conexão psicológica entre fã e time, em que o fã vê seu time como sua própria extensão; já por identidade esportiva, entende-se uma pessoa com uma forte afinidade com as atividades e componentes do time. Os pesquisadores observaram uma correlação positiva e significativa entre identificação com o time e identidade esportiva com agressão verbal e física.

Murad (2017) ao realizar um levantamento de estudos brasileiros para compreender o perfil do torcedor violento observou que: 85% são homens; 71% estão desempregados ou na informalidade; a faixa etária é de 15 anos a 24 anos; possuem predominantemente nível econômico da classe média baixa e nível educacional da quinta série do ensino fundamental à segunda série do ensino médio.

O estudo de Coriolano e Conde (2016) investigou a correlação entre fanatismo e agressividade, por meio da Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF) e o Questionário de Agressividade Buss-Perry (BPAQ). Participaram da pesquisa 56 voluntários maiores de 18 anos que

declararam simpatia pelo menos um dos três times principais de Recife-PE, sendo 26 estudantes universitários de Recife e 30 frequentadores de estádio. Em relação a caracterização da amostra, 66% eram mulheres e 34% eram homens; e no que se refere a idade 57,14% declararam ter entre 18 e 25 anos, 19,64% entre 26 e 33 anos; 14,28% 34 e 41 anos; 3,57% 41 e 48 anos e 5,36% com mais de 48 anos. Observou-se que ao realizar análises correlacionais entre EFTF e BPAQ uma correlação moderada significativa entre fanatismo e raiva, hostilidade, agressividade física e agressividade total; e uma correlação fraca, embora significativa, com a agressividade verbal. Logo, pode-se dizer que o fanatismo tem uma correlação positiva com todas as dimensões da agressividade. Em uma análise comparativa entre o grupo caracterizado com alto fanatismo (83,39; $dp=16,43$) e o grupo com baixo fanatismo (47,64; $dp=6,37$) observou-se que a raiva, hostilidade, agressividade física, agressividade verbal e agressividade total foram estatisticamente mais significativas no grupo com alto fanatismo que no grupo com baixo fanatismo ($p<0,01$). Por fim, os autores apontam que a pesquisa apresenta algumas limitações quanto ao efeito do fanatismo e agressividade nos grupos etários, sociais, gênero, tempo de torcedor; variáveis individuais da personalidade, além de indicar a necessidade de replicação do estudo em outros estados e/ou países.

A partir da análise das pesquisas podemos ressaltar alguns aspectos importantes dos estudos, são eles: 1) Os homens possuem maior identificação com o time, propensão a torcida, traço de agressão física e inclinação em cometer atos anônimos de agressão hostil; 2) A agressão verbal é igual entre homens e mulheres; 3) A equipe de arbitragem é geralmente alvo de maior agressão do tipo hostil, enquanto que os adversários recebem mais agressão hostil e instrumental; 4) Os mais identificados com o time demonstraram maior comportamento agressivo físico, hostil e instrumental e maior grau de disfuncionalidade; 5) Os indivíduos disfuncionais são mais explosivos; consomem mais álcool; são mais críticos e frequentam jogos mais distantes de casa; são jovens; homens; solteiros; desempregados ou com trabalho informal; moradores de apartamento e sem crianças em casa, com menor renda e acesso à educação.

A fim de observar se os resultados obtidos na pesquisa de Coriolano e Conde (2016) realizados em Recife-PE se aplicam a outras populações, a presente pesquisa realizou um estudo na cidade de São Paulo-SP com torcedores de um time para observar a associação entre fanatismo e agressividade, usando as mesmas escalas, e os seguintes dados sociodemográficos: idade, nível de instrução, renda e estado civil.

A contribuição da presente pesquisa está em correlacionar as escalas EFTF e BQAP com dados sociodemográficos em uma amostra maior em um único time de futebol, de modo a corroborar, complementar e ampliar se este fenômeno, já descrito na literatura, é observável em outro contexto.

Um estudo acerca dos efeitos das características sociodemográficas desses fenômenos em uma torcida de futebol se faz relevante e é justificado na medida em que a partir dos resultados obtidos podemos mapear informações sobre os indivíduos que compõem esses processos grupais e que são mais suscetíveis ao alto nível de fanatismo e agressividade, contribuindo para o planejamento e implementação de políticas públicas, ações de segurança pública; medidas preventivas, intervenções sociais e ações de convívio coletivo em eventos esportivos (Vieira & Siqueira, 2008).

MÉTODO

Participantes

Torcedores do *Sport Club Corinthians Paulista* presentes em uma partida de futebol e que aceitaram fazer parte desse estudo. O número de participantes foi 150 torcedores para garantir os critérios de significação. Os critérios de inclusão destes participantes foram: Torcedores do *Sport Club Corinthians Paulista*; estar usando um adereço do time; identificar-se com gênero masculino e ter idade mínima de 18 anos.

O time *Sport Club Corinthians Paulista* foi escolhido para o estudo, pois ocupa o primeiro lugar em número de torcedores do estado de São Paulo, com 36% de torcedores e é o segundo time com maior número de torcedores no Brasil (Datafolha, 2018).

Instrumentos

Ficha de identificação, em que constou: idade; nível de instrução, estado civil, renda e se o torcedor se considera um torcedor fanático do seu time.

Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF), para avaliar o fanatismo relacionado ao time de futebol, foi escolhido o instrumento de EFTF, que se trata de uma escala psicométrica de identificação do torcedor de futebol com seu time, construída para discriminar níveis mais altos de identificação grupal com times de futebol, captando em maior detalhe o fanatismo. As opções de respostas foram em formato *Likert* com uma escala de 7 pontos, sendo 1 discordo fortemente e 7 concordo fortemente. A escala foi construída e validada para o Brasil em 2008 por Wachelke, Andrade, Tavares e Neves (2008).

Questionário de Agressividade de Buss-Perry (BPAQ), o questionário detecta 4 subtraços da agressividade, estes são: 1) agressão física, caracterizado pelo machucar alguém; 2) agressão verbal, isto é, ofender alguém; 3) Raiva, a qual está associada a uma excitação fisiológica e uma preparação para agressão; 4) hostilidade, compreende-se no sentimento de má-intenção e injustiça. Em suma, consideramos nesse trabalho a agressividade, como constituída respectivamente por: elemento motor; instrumental; afetivo ou emocional e cognitivo (Buss & Perry, 1992). As opções de respostas foram em formato *Likert* com uma escala de 5 pontos, sendo 1 discordo fortemente e 5 concordo fortemente. Neste presente estudo foi utilizada a versão traduzida para o português por Simões (1993), a qual foi realizada após a realização de um estudo psicométrico do instrumento.

Local de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no Estádio de Futebol Arena Corinthians, cujo apelido é *Itaquerao*, localizado na cidade de São Paulo, no bairro Itaquera e sede do *Sport Club Corinthians Paulista*.

Procedimento de coleta de dados

A aplicação dos instrumentos ocorreu em 2017. Os questionários foram disponibilizados e aplicados das 17h30 até as 19h30, antes do começo da partida, que se iniciou às 19h30. A coleta dos dados ocorreu no Estádio de Futebol Arena Corinthians no setor Leste Inferior Central; a escolha deste setor ocorreu em função de se tratar de uma área em que predomina o torcedor comum. Os times em campo eram Corinthians *Versus* Luverdense pela 3ª Fase da Copa do Brasil 2017.

A pesquisadora juntamente com cinco assistentes de pesquisa – quatro mulheres e dois homens – vestiam a camisa do time, a fim de facilitar a aproximação e empatia dos participantes. Dentre eles, três eram estudantes de psicologia, um era psicólogo e dois eram administradores. Os assistentes de pesquisa receberam um breve treinamento para a aplicação dos questionários.

A seleção dos participantes ocorreu da seguinte forma: 1) Os torcedores chegavam e se sentavam no setor Leste Inferior; 2) Torcedores com pelo menos um adereço do time eram identificarmos aleatoriamente; 3) A pesquisadora ou assistentes de pesquisa se aproximavam dos torcedores identificados com um adereço; 4) Confirmavam se os torcedores preenchiam os critério de inclusão; 5) Apresentavam a temática da pesquisa; 6) Perguntavam se gostariam de participar.

Após aceitar participar da pesquisa, a aplicação dos questionários ocorreu da seguinte forma: 1) a pesquisadora ou um assistente de pesquisa solicitou que assinasse o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE; 2) entregou a Ficha de Identificação, EFTF e o BPAQ, respectivamente. O modo de aplicação dos instrumentos foi autoaplicação, em caso de dúvida, a pesquisadora ou os assistentes esclareciam-nas.

Procedimento de análise de dados

No processo de análise quantitativa de dados, utilizou o *software* SPSS *Statistics*. Inicialmente, foi realizado um estudo descritivo da amostra a fim de caracterizar esta população quanto aos dados sociodemográficos e os níveis de fanatismo e agressividade.

Em seguida, foi realizada uma análise comparativa entre os dois grupos de fanatismo (baixo/médio e alto) e os grupos com baixa e alta agressividade, em todas as suas dimensões, por meio do teste qui-quadrado. Além disso, foi realizada uma análise correlacional bivariada entre fanatismo e agressividade, por meio do coeficiente de correlação de *Pearson* (r).

Com o objetivo de investigar quais eram as dimensões da agressividade mais significativas para a presença de fanatismo, foi realizada uma análise de regressão linear e um teste t de *Student*.

Por fim, foram feitas análises correlacionais e comparativas entre todas as variáveis da pesquisa. As variáveis renda, agressividade e suas dimensões e fanatismo foram submetidas a análises de correlação, por meio da correlação de *Pearson* (r); para o estado civil, fanatismo e as dimensões da agressividade foram realizadas análises comparativas, por meio do teste t de *Student*; para o nível de instrução, fanatismo e as dimensões da agressividade foram realizadas análises de comparação por meio da análise de variância (ANOVA).

Cuidados éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o parecer substanciado no 2.130.750 e CAAE 69690416.8.0000.5482. Antes do início da aplicação de cada questionário, o participante foi devidamente informado pela pesquisadora sobre os cuidados éticos tomados, descritos no TCLE.

RESULTADOS

Caracterização dos participantes

Em um estudo descritivo da amostra podemos observar que a faixa etária foi: 38% com 18 a 29 anos; 27% com 30 a 41 anos; 19% com 42 a 53 anos e 15% com idade \geq 54 anos.

Em relação ao nível de instrução, 87% apresentava 2^a grau completo (19% ensino médio completo, 57% ensino superior completo e 11% ensino superior incompleto) e 13% não possuíam 2^a grau completo. O estado civil dos participantes foi predominantemente solteiro com 57%, sendo 43% casados.

No que se refere à renda dos torcedores, 25% não declararam renda; 23% tinham renda entre 2 e 4 Salários Mínimos (SM); 17% tinham $<$ 2 SM; 16% entre 4 e 6 SM e 15% \geq 6 SM. Por fim, em uma escala *Likert* de 1 a 7, em que se perguntava “Sou um Torcedor Fanático do Meu Time”, 83% assinalaram a escala *Likert* 6 e 7; 15% assinalou *Likert* 5 e 2% *Likert* de 1 a 4. Logo, a maior parte da amostra considerou-se fanática pelo seu time.

Análise estatística dos questionários

Nível de fanatismo da amostra, a amostra da EFTF foi dividida em três domínios do fanatismo: baixa – até 2,18; média – de 2,19 a 3,55 e alta – 3,56 ou mais. Em um estudo descritivo das questões do instrumento EFTF, podemos observar que a distribuição dos participantes para fanatismo foi: baixa – 2% (n=3); média – 17,3% (n=26) e alta – 80,7% (n=121). Logo, podemos concluir que a maior parte da amostra tem nível alto de fanatismo. A tabela 1 agrupa as categorias de níveis baixos e médios de fanatismo.

Tabela 1 – Estudo descritivo do nível de fanatismo da amostra, com a categoria baixa e média agrupada

Domínio	Fanatismo (n=150)
Baixo e Médio	19,3%
Alto	80,7%
Total	100,0%

n: Número de participantes

Nível de agressividade da amostra, em relação ao BPAQ, os estudos de Rego (2005), Silva (2009) e Coriolano e Conde (2016) classificam a agressividade em dois níveis: Baixa -- pontuações ≤ 65 e Alta -- pontuações > 65 . Tendo em vista que a escala pontua de 29 a 149 pontos.

Por meio de um estudo descritivo do instrumento BPAQ, podemos observar na Tabela 2 o nível de agressividade da amostra, incluindo suas quatro dimensões – Raiva, Hostilidade, Agressividade Física e Verbal – caracterizada por Buss e Perry (1992). Considera-se que a maior parte da amostra demonstra um alto nível de agressividade total (58%), raiva (53%) e agressividade verbal (61%).

Tabela 2 – Estudo descritivo do nível de agressividade da amostra

Nível	Agressividade (n=150)				
	Total	Raiva	Física	Hostilidade	Verbal
Baixo	42%	47%	51%	53%	39%
Alto	58%	53%	49%	47%	61%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

n: Número de participantes

Comparação entre fanatismo e agressividade, o nível de significância estabelecido foi de 0,05. O teste qui-quadrado avaliou, como pode ser observado no Quadro 1, que existe uma diferença significativa entre as duas categorias do fanatismo (baixo/médio e alto) e agressividade (baixa e alta), esta última incluindo as subdivisões raiva, agressividade física, hostilidade e agressividade verbal.

Quadro 1 – Comparação entre fanatismo e dimensões da agressividade

Agressividade		Fanatismo		χ^2	p-valor ^a
		Baixo e médio	Alto		
Total (n=150)	Baixo	12%	30%	5,944	0,015
	Alto	7%	51%		
Raiva (n=150)	Baixo	13%	34%	6,748	0,009
	Alto	6%	47%		
Física (n=150)	Baixo	14%	37%	6,802	0,009
	Alto	5%	44%		
Hostilidade (n=150)	Baixo	16%	37%	12,507	<0,001
	Alto	3%	44%		
Verbal (n=150)	Baixo	11%	28%	5,605	0,018
	Alto	8%	53%		

n: Número de participantes

a: Teste qui-quadrado

Contatou-se que 51% daqueles que pontuaram para alta agressividade total estavam dentro do grupo com níveis alto de fanatismo, assim como para Raiva (47%); Agressividade Física (44%); Hostilidade (44%) e Agressividade Verbal (53%). Sendo assim, observamos uma porcentagem estatisticamente maior das dimensões da agressividade no grupo de alto fanatismo, em comparação com o grupo com níveis baixos e médios de fanatismo. Apenas 7% daqueles que pontuaram para alta agressividade total estavam dentro do grupo de baixo e médio fanatismo; assim como para a Raiva (6%); Agressividade Física (5%); Hostilidade (3%) e Agressividade Verbal (8%).

O coeficiente de correlação de *Pearson* (r) entre fanatismo e agressividade foi 0,52 ($p < 0,001$), indicando uma correlação moderada entre as duas variáveis. Sendo mais uma evidência de que há presença de torcedores com maior índice de agressividade em todas as dimensões no grupo com altos níveis de fanatismo.

Tabela 3 – Correlação entre fanatismo e agressividade

Variável	Coeficiente de Pearson	
	Fanatismo	Agressividade
Fanatismo (n=150)	1	0,519*
Agressividade (n=150)	1	

n: Número de participantes

*: p-valor < 0,001

Ademais, podemos observar abaixo nas tabelas 4 e 5 que, por meio de uma análise de regressão linear múltipla e teste t de *Student*, tendo como variável dependente o fanatismo, constatamos que a hostilidade e raiva são as dimensões da agressividade que influenciam de maneira mais significativa o maior nível de fanatismo.

A relação de regressão obtida para a variável fanatismo foi significativa. Como variáveis explicativas, no modelo 1 (Tabela 4) temos a hostilidade (p-valor<0,001), e no modelo 2 (tabela 5) temos a interação da variável hostilidade (p-valor=0,005) e a raiva (p-valor: 0,011).

Tabela 4 – Análise de regressão linear – fanatismo (Modelo 1)

Coeficientes	B	DP	R2	Estatística t	β	p-valor ^a
Intercepto	2,784	0,276	0,227	10,086	-	<0,001
Hostilidade	0,680	0,102		6,695	0,482	<0,001

B: Coeficiente angular

DP: Desvio padrão

R²: Coeficiente de determinação

β : Coeficiente padronizado

a: Teste t de Student

Tabela 5 – Análise de regressão linear – fanatismo (Modelo 2)

Coeficientes	B	DP	R2	Estatística t	β	p-valor ^a
Intercepto	2,515	0,291	0,255	8,651	-	<0,001
Hostilidade	0,409	0,145		2,820	0,290	0,005
Raiva	0,377	0,147		2,561	0,264	0,011

B: Coeficiente angular

DP: Desvio padrão

R²: Coeficiente de determinação

β : Coeficiente padronizado

a: Teste t de Student

Correlação entre dados sociodemográficos, fanatismo e quatro dimensões da agressividade, o coeficiente de correlação de *Pearson* (r) entre as variáveis: fanatismo, as quatro dimensões da agressividade e dados de identificação – idade e renda – pode ser observado na Tabela 6.

Tabela 6 – Correlação entre idade, renda, fanatismo e agressividade

Variável		Idade	Renda	Fanatismo	Raiva	Física	Hostilidade	Verbal
Idade	r	1	0,358**	-0,249**	-0,179*	-0,288**	-0,251**	-0,179*
	n	150	112	150	150	150	150	150
Renda	r		1	-0,190*	-0,136	-0,093	-0,264**	-0,082
	n		112	112	112	112	112	112
Fanatismo	r			1	0,475**	0,416**	0,482**	0,422**
	n			150	150	150	150	150
Raiva	r				1	0,655**	0,727**	0,699**
	n				150	150	150	150
Física	r					1	0,628**	0,635**
	n					150	150	150
Hostilidade	r						1	0,640**
	n						150	150
Verbal	r							1
	n							150

r: Coeficiente de Pearson

n = Número de participantes

*: p-valor < 0,05

** : p-valor < 0,001

Existe uma correlação negativa fraca entre a idade e as outras variáveis, exceto renda. Sendo assim, quanto maior a idade: menor o nível de fanatismo ($r = - 249$ e p-valor = 0,001); menor a raiva ($r = - 179$ e p-valor = 0,014); menor a agressividade física ($r = - 288$ e p-valor < 0,001); menor a hostilidade ($r = - 251$ e p-valor = 0,001) e menor a agressividade verbal ($r = - 179$ e p-valor < 0,05). A idade é correlacionada negativamente com o fanatismo e todas as dimensões da agressividade.

Observamos uma correlação negativa fraca entre renda, fanatismo e hostilidade, sendo que, quanto maior a renda: menor o fanatismo ($r = - 190$ e p-valor < 0,05) e menor a hostilidade ($r = - 264$ e p-valor < 0,001). Não foram apresentadas correlações significativas entre a variável independente renda e as variáveis dependentes raiva, agressividade física e verbal.

Constatamos uma correlação positiva moderada entre o fanatismo e as quatro dimensões da agressividade. Quanto maior o fanatismo: maior a raiva ($r = 475$ e $p\text{-valor} < 0,001$); maior a agressividade física ($r = 416$ e $p\text{-valor} < 0,001$); maior a hostilidade ($r = 482$ e $p < 0,001$) e maior a agressividade verbal ($r = 422$ e $p\text{-valor} < 0,001$).

No que se refere ao estado civil, foi realizada a comparação das médias de pontuação do fanatismo e as quatro dimensões da agressividade por meio do teste t de *Student*. Apresentou-se, como pode ser visto na Tabela 7, uma diferença significativa entre as pontuações médias por estado civil apenas na variável hostilidade ($p=0,019$), concluindo que torcedores solteiros apresentam maior nível de hostilidade.

Tabela 7 – Comparação entre estado civil, fanatismo e dimensões da agressividade

Variável	Estado civil	n	Média	DP	Estatística t	p-valora
Fanatismo	Solteiro	84	4,62	1,13	0,797	0,427
	Casado	65	4,47	1,09		
Raiva	Solteiro	84	2,59	0,74	0,068	0,946
	Casado	65	2,58	0,83		
Física	Solteiro	84	2,25	0,72	1,394	0,165
	Casado	65	2,08	0,81		
Hostilidade	Solteiro	84	2,74	0,74	2,363	0,019
	Casado	65	2,43	0,82		
Verbal	Solteiro	84	2,80	0,81	0,750	0,455
	Casado	65	2,70	0,77		

n: Número de participantes

DP: Desvio padrão

a: Teste t de Student

Conforme demonstrado nas Tabelas 8, 9, 10 e 11, por meio da análise de variância (ANOVA) observou-se uma diferença significativa entre as médias, analisadas por nível de instrução, das quatro dimensões da agressividade: raiva ($p < 0,05$); agressividade física ($p < 0,001$); hostilidade ($p < 0,001$) e agressividade verbal ($p < 0,001$). Verificou-se que quanto menor nível de instrução, maior o nível de agressividade em todas as dimensões.

Tabela 8 – Teste ANOVA para comparação entre nível de instrução e agressividade (raiva)

Nível de instrução	n	Média	DP	p-valor ^a
Fundamental	13	3,18	0,89	0,003
Médio	34	2,72	0,99	
Superior	102	2,46	0,63	
Total	149	2,58	0,78	

n: Número de participantes

DP: Desvio padrão

a: Para o cálculo do teste ANOVA, consideramos, a partir do teste Levene, variância homogênea entre os níveis de instrução

Tabela 9 – Teste ANOVA para comparação entre nível de instrução e agressividade (física)

Nível de instrução	n	Média	DP	p-valor ^a
Fundamental	13	2,91	0,95	0,001
Médio	34	2,21	0,83	
Superior	102	2,09	0,68	
Total	149	2,19	0,77	

n: Número de participantes

DP: Desvio padrão

a: Para o cálculo do teste ANOVA, consideramos, a partir do teste Levene, variância homogênea entre os níveis de instrução

Tabela 10 – Teste ANOVA para comparação entre nível de instrução e agressividade (verbal)

Nível de instrução	n	Média	DP	p-valor ^a
Fundamental	13	3,31	0,79	<0,001
Médio	34	2,77	0,80	
Superior	102	2,46	0,73	
Total	149	2,60	0,79	

n: Número de participantes

DP: Desvio padrão

a: Para o cálculo do teste ANOVA, consideramos, a partir do teste Levene, variância homogênea entre os níveis de instrução

Tabela 11 – Teste ANOVA para comparação entre nível de instrução e agressividade (hostilidade)

Nível de instrução	n	Média	DP	p-valor ^a
Fundamental	13	3,38	0,98	<0,001
Médio	34	2,69	0,85	
Superior	102	2,69	0,71	
Total	149	2,75	0,79	

n: Número de participantes

DP: Desvio padrão

a: Para o cálculo do teste ANOVA, consideramos, a partir do teste Levene, variância homogênea entre os níveis de instrução

Em relação ao fanatismo, por meio de uma análise de variância (ANOVA) notamos uma diferença significativa ($p=0,002$) entre as médias da pontuação distribuídas por nível de instrução. Verificamos que quanto menor for nível de instrução, maior será o nível de fanatismo, conforme demonstrado na Tabela 12.

Tabela 12 – Teste ANOVA para comparação entre nível de instrução e fanatismo

Nível de instrução	n	Média	DP	p-valor ^a
Fundamental	13	5,59	0,99	0,002
Médio	34	4,44	1,15	
Superior	102	4,46	1,06	
Total	149	4,55	1,11	

n = Número de participantes

DP: Desvio padrão

a: Para o cálculo do teste ANOVA, consideramos, a partir do teste Levene, variância homogênea entre os níveis de instrução

DISCUSSÃO

Discussão dos resultados estatísticos

Nesse estudo, observamos que 83% dos torcedores consideravam-se torcedores fanáticos do time e que 81% foram classificados pela escala EFTF com alto nível de fanatismo. Ademais, 58% da amostra apresentou um alto nível de agressividade.

Tendo em vista os objetivos propostos para pesquisa, encontramos nesta amostra uma correlação significativa entre fanatismo e as quatro dimensões da agressividade. Sendo assim, os resultados obtidos aqui corroboram um padrão descrito na literatura por Coriolano e Conde (2016) e com os dados dos estudos de Wann et al. (2002), correlação positiva entre identificação com o time e agressividade física e hostilidade, e de Rahmati et al. (2014), correlação positiva entre agressividade verbal e física com identificação com o time.

É importante ressaltar que estes estudos, salvo o de Coriolano e Conde (2016), referem-se à relação entre identificação com o time e agressividade, enquanto que o estudo aqui realizado tratou do fanatismo, que segundo Wachelke et al. (2008) é definido como um nível mais alto de identificação com o time.

O Quadro 1 demonstrou que no grupo de torcedores com altos níveis de fanatismo, estão presentes porcentagens maiores de torcedores que pontuaram para alto níveis de agressividade em todas as suas dimensões. Este achado está de acordo com o exposto por Coriolano e Conde (2016), os quais também encontraram maiores pontuações de agressividade total, verbal, física, raiva e hostilidade em torcedores que pontuaram para alto nível de fanatismo.

Um resultado interessante e original da presente pesquisa foi a presença da hostilidade e raiva como sendo os aspectos mais significativos nessa amostra para a definição de um alto nível de fanatismo, como explicitado na tabela 4 e 5.

Outra contribuição da pesquisa foi em relação aos dados sociodemográficos. Observou-se uma correlação negativa, embora fraca, entre a idade

e o nível do fanatismo e agressividade, como explicitado na tabela 6. Sendo assim, os torcedores mais velhos apresentam menor nível de fanatismo; menor raiva; menor agressividade física; menor hostilidade e menor agressividade verbal. Isto pode significar que os torcedores mais jovens tendem a apresentar uma pontuação maior nas escalas de agressividade em suas quatro dimensões e na escala de fanatismo.

No que se refere a renda, descrita na tabela 6, existe uma correlação negativa, embora fraca, entre renda, fanatismo e hostilidade, sendo que, quanto maior a renda menor o fanatismo e menor a hostilidade. Logo, pessoas com menor renda pontuaram mais no que se refere ao fanatismo e à hostilidade.

Os solteiros, conforme a tabela 7, apresentam maior nível de agressividade do tipo hostil, quando comparado com os casados. As outras dimensões da agressividade e do fanatismo não obtiveram um nível de significância ($p < 0,05$) no que se refere ao estado civil.

Aqueles com menor nível de instrução, como destacado nas tabelas 8, 9, 10, 11 e 12 apresentaram maior nível de agressividade – em suas quatro dimensões – e maior nível de fanatismo. Podemos pensar, a partir deste dado, como a educação pode interferir e influenciar a expressão da agressividade e fanatismo. Sendo assim, a educação poderia fornecer maior instrumental e recursos para lidar com as emoções e expressá-las de um modo adaptado à sociedade.

Os resultados referentes aos dados sociodemográficos – idade, renda, estado civil e nível de instrução – são corroborados pelos estudos de Wakefield e Wann (2006) e Murad (2017), os quais observaram que o torcedor violento é mais jovem; tem menor renda e menos acesso à educação, é solteiro e predominantemente desempregados ou na informalidade. Estes achados contribuem para a compreensão do fenômeno já descrito por Coriolano e Conde (2016), mas que ainda precisa de um entendimento mais amplo, por meio do estudo de novas variáveis sociodemográficas.

Fanatismo e agressividade: uma reflexão teórica

À medida que se observou a correlação entre fanatismo e as quatro dimensões da agressividade, podemos realizar uma reflexão teórica do porquê tais variáveis se relacionaram de maneira significativa.

O termo Fanático vem de *Fânâticus* (latim), isto é, aquele que pertencente a um templo, como também significa inspirado; delirante; louco e furioso (Torrinha, 1998). Conforme destacam Pinsky, C. B., e Pinsky, J. (2004), o conceito foi relacionado a um sectarismo exacerbado, inflamado, sem pensamento crítico, tanto na religião, como na política. Aos poucos, esse termo se expandiu para a questão racista, como na organização *Ku Klux Klan*; e esportiva, como *hooliganismo* (Inglaterra), ganhando novas configurações. Segundo Pinsky, C. B., e Pinsky, J. (2004), fanatismo é

a exaltação que leva indivíduos ou grupos a praticar atos violentos contra outras pessoas (prejudicando significativamente sua liberdade e atentado contra a vida), baseados na intolerância e na crença de verdades absolutas, para as quais não admitem contestação (p. 11).

Orwell (1970) constatou que as crenças fanáticas se tornaram uma ocorrência frequente na modernidade, as quais seriam aglomerados de ideias e de valores, tomadas como uma verdade absoluta e universal, desconsiderando-se qualquer outra forma ideológica.

O ponto de vista do fanático, como sintetiza Locke (1973), se sobrepõe ou até mesmo extermina as ideias e os valores dos outros, tornando-se intolerante. Isto porque, como aponta Russell (1990), o indivíduo fixa-se em determinada questão, e a considera tão fundamental e essencial, que nada mais seria tão relevante.

Como aponta Jung (2013a, 2013b), o fanático é aquele que na tentativa de mascarar uma dúvida e insegurança, compensam-na com uma postura assertiva e absoluta.

No fanatismo ocorre uma identificação do torcedor com o time, em que ele e o time passam a ser uma identidade única e coesa, portanto, tudo que ocorre com este último afeta o primeiro. Como aponta Jung (2012a), nesta situação ocorre uma depreciação das idiosincrasias de cada um dos

indivíduos, os quais passam a ter sua singularidade diluída. O indivíduo é absorvido rapidamente pela multidão, a qual demanda um custo menor de energia quando comparada com a personalidade individual.

Dessa maneira, a personalidade se expande, inflando-se, ocupando um espaço que “pertence ao outro, a todos ou a ninguém” (Jung, 2014a, p.31); nesta expansão o indivíduo passa sentir que possui um poder que transcende a individualidade. Segundo Le Bon (1980), por mais díspares que os componentes constituintes de cada indivíduo sejam, a multidão agora se trata de uma unidade mental guiada em um sentido convergente.

Com o rebaixamento da consciência individual, o sujeito é possuído por determinada ideia e tomado por um fascínio, o qual desencadeia dinâmismos inconscientes primitivos, transformado seu caráter, que agora é motivado por forças coletivas que o “escravizam” (Jung, 2012b). Assim, de acordo com Le Bon (1980),

só pelo fato de pertencer a uma multidão, o homem desce vários graus na escala da civilização. Isolado seria talvez um indivíduo culto; em multidão é um ser instintivo, por consequência, um bárbaro. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos e a eles se assemelha ainda pela facilidade com que se deixa impressionar pelas palavras e pelas imagens e se deixa arrastar a atos contrários aos seus interesses mais elementares. O indivíduo em multidão é um grão de areia no meio de outros grãos que o vento arrasta a seu bel-prazer (p. 15).

Neste estado, Le Bon (1980) afirma que o homogêneo absorve o heterogêneo, o indivíduo agora é anônimo, sua individualidade, nestes termos desaparece, por isso não há sentimento de culpa. O anonimato e o afastamento das características individuais levam o sujeito a atuar de maneira irracional e irresponsável, acentuado pela questão da rivalidade como elemento intergrupar e inflado pelo sentimento de invencibilidade (Lopes, 2012).

A vivência grupal em grandes massas, segundo Jung (2014b), rebaixa o nível da consciência devido a identificação do indivíduo com o

comportamento coletivo. Isto pode gerar um tipo de contágio emocional com conteúdos arcaicos e indiferenciados entre indivíduo e massa, o qual é denominado *participation mystique* (Jung, 2012a, 2012c).

Nesta relação psíquica, de acordo com Pieri (2002), não há uma distinção e percepção de alteridade entre sujeito e objeto, ou seja, ambos são sentidos como um só. Sendo assim, o torcedor funde-se com o time. Entre ele e o time não há uma separação e discriminação: o torcedor passa a ser o próprio time.

Desta forma, o torcedor sai de sua medida, atribuindo a si características que são do time. O ego inflado assume uma proporção grandiosa, desencadeando uma expansão e prolongamento do indivíduo para além das fronteiras de sua personalidade. Podemos fazer uma relação com o fenômeno da inflação do ego com a própria palavra torcida em espanhol, *hinchada*, que significava inchar (Murad, 2017).

Em decorrência disso, o torcedor tem um sentimento de poder e, ao mesmo tempo, de irresponsabilidade, apresentando atitudes que não faria, caso estivesse sozinho, como, por exemplo, praticar atos violentos e de vandalismo. Em estudos já referendados, os torcedores afirmaram que ofenderiam o árbitro sem nenhum benefício em troca, que poderiam machucar o árbitro e o time adversário se fosse de maneira anônima. Há, como aponta Jung (2013a), uma ausência do sentimento de culpa, de responsabilidade e de medo.

Motivos não racionais passam a guiar o indivíduo, como se este fosse possuído por uma “entidade” externa e estranha ao ego que se “apossa” momentaneamente de sua personalidade individual, modificando-a. Na visão de Edinger (2008), isto ocorre em função de um ego imaturo e para Jung (1987; 2013b) seria devido à sugestão e à emoção, as quais podem contagiar os torcedores desencadeando fascínio e paixão.

Observamos também o campo de futebol como um “templo”, destacando que o nome da maior torcida organizado do Corinthians é “Gaviões da Fiel”; fiel também é aquele que segue princípios de um determinado templo, o “fiel torcedor” do Corinthians.

Ademais, a agressividade, como aponta Siqueira (2008), não tem muitos espaços para se manifestar em nossa sociedade. Por se tratar de

uma experiência coletiva e arquetípica não pode ser ignorada. *A priori* esta não possui uma qualidade e forma, podendo adquirir aspectos destrutivos ou criativos a partir de como é expressa e vivenciada. Desta forma, os jogos de futebol podem ser um canal de expressão controlada para a hostilidade, raiva, agressividade verbal e física. Entretanto, quando saem do controle, estas emoções podem emergir de maneira indiscriminada, indiferenciada e arcaica, provocando comportamentos explosivos e incontroláveis.

Por fim, como é característico em situações de guerra, o indivíduo projeta o mal, a culpa e defeitos no adversário como uma forma inconsciente de justificar sua agressão e desejo de matar. Quando o mal é projetado no adversário, parece legítimo agredi-lo e até mesmo eliminá-lo. O alívio é temporário, mas recompensador, pois traz uma sensação de vitória, eliminando ou diminuindo a agressividade contida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelaram uma correlação significativa entre fanatismo e as quatro dimensões da agressividade – física, verbal, raiva e hostilidade – corroborando resultados anterior. A contribuição da presente pesquisa está em observar que torcedores jovens apresentam elevado nível de fanatismo e agressividade, assim como aqueles que relatam ter um nível de instrução menor. Já os torcedores que declararam uma renda baixa, pontuaram para alto nível de fanatismo e agressividade do tipo hostil e verbal, enquanto que os solteiros pontuaram um alto nível de agressividade do tipo hostil. Além disso, a hostilidade e raiva, nesta amostra, foram as dimensões mais expressivas para a definição de um alto nível de fanatismo. Tal dado, não esteve presente em outras pesquisas.

A partir de uma reflexão teórica com um enfoque junguiano, podemos pensar se o fato de o indivíduo estar em meio à massa, propicia um certo rebaixamento do nível da consciência, o que pode ocasionar uma identificação maior com o time, levando o torcedor a sentir-se como sendo o próprio time. Assim, as qualidades individuais se dissipariam e a massa – levada por ideias fixas e absolutas – passaria a influenciar e conduzir o torcedor, fazendo-o “acreditar” que tem um poder grandioso e que pode

cometer atos violentos sem ser responsabilizado. Tal movimento pode ser facilitado pelo componente afetivo das partidas de futebol; a personalidade individual dos torcedores e a usual restrição dos espaços para a manifestação da agressividade, sendo os jogos de futebol um espaço possível para tal expressão.

Em suma, uma vez que há poucas pesquisas sobre fanatismo nas torcidas de futebol, a pesquisadora sugere uma ampliação neste campo de estudo, especialmente, devido aos altos níveis de confrontos entre torcidas e aos poucos estudos relacionando fanatismo e comportamento agressivo, quando comparados com os sobre identificação com o time.

Sugere-se também que futuras pesquisas investiguem a motivação para a busca de vínculos intensos com um time de futebol. Além disso, com o aumento da participação das mulheres nas torcidas de times futebol, seria interessante ampliar este estudo, incluindo a torcida feminina.

REFERÊNCIAS

- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(3), 452–459.
- Coriolano, A. M. M., & Conde, R. F. Q. (2016). Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol. *Revista Brasileira de Psicologia Do Esporte*, 6(2), 42–56.
- Datafolha. (2018). *Flamengo e Corinthians Seguem na Liderança de Torcidas*. Retirado de <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/04/1964748-flamengo-e-corinthians-seguem-na-lideranca-de-torcidas.shtml>
- Edinger, E. F. (2008). *O Mistério da Coniunctio: imagem alquímica da individuação*. São Paulo: Paulus.
- Jung, C. G. (1987). *Fundamentos da Psicologia Analítica*. 5ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2012a). *Ab-reação, Análise dos Sonhos e Transferência*. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2012b). *Psicologia do Inconsciente*. 21ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2012c). *Psicologia e Religião*. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes.

- Jung, C. G. (2013a). *A Natureza da Psique*. 10^a Ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2013b). *Aion - Estudos sobre o Simbolismo Si-Mesmo*. 10^a Ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2014a). *Eu e o Inconsciente OC 7/2*. 26^a Ed. Petrópolis: Vozes.
- Jung, C. G. (2014b). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 11^a Ed. Petrópolis: Vozes.
- Le Bon, G. (1980). *Psicologia das Multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia.
- Locke, J. (1973). *Carta Acerca da Tolerância*. São Paulo: Abril Cultural.
- Lopes, F. T. P. (2012). *Discursos sobre Violência Envolvendo Torcedores de Futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Murad, M. (2013). Violências e mortes no futebol brasileiro: reflexões, investigações e proposições. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 13(1), 57–72.
- Murad, M. (2017). *A Violência no Futebol: Novas Pesquisas, Novas Ideias, Novas Propostas*. 2^a Ed. São Paulo: Benvirá.
- Orwell, G. (1970). *Decline of the English Murder and Other Essays*. Harmondsworth: Penguin Books.
- Pieri, P. F. (2002). *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes.
- Pinsky, C. B., & Pinsky, J. (2004). *Faces do Fanatismo*. São Paulo: Contexto.
- Pires, B. (2017). *A Violência no Futebol como um Retrato do Brasil* [Esportes]. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/28/deportes/1514427700_914142.html
- Rahmati, M. M., Kabiri, S., & ShadManfaat, S. M. (2014). Team identification, sport fandom identity and willingness to verbal/physical aggressive actions among soccer fans. *International Journal of Basic Sciences and Applied Research*, 3(10), 760–764.
- Rego, J. C. (2005). *A Agressividade em Crianças e Jovens Vítimas de Maus-Tratos*. (Monografia em Psicologia Clínica, Universidade Fernando Pessoa, Porto).
- Russell, B. (1990). *A última oportunidade do homem*. 3^a Ed. Lisboa: Guimarães Editores.

- Silva, P. A. L. (2009). *Agressividade e Representações sobre a Violência em Jovens Institucionalizados*. (Dissertação em Psicologia Clínica, Universidade Fernando Pessoa, Porto)
- Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 27(3), 387–404.
- Siqueira, G. T. de. (2008). *Hostilidade: uma revisão de literatura no referencial teórico junguiano*. (Dissertação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Torrinha, F. (1998). *Dicionário latino português*. 8ª Ed. Porto: Porto Editora.
- Vieira, R. A. G., & Siqueira, G. R. de. (2008). Violência entre torcidas nos estádios de futebol: Uma questão de Saúde Pública. *Saúde e Sociedade*, 17(3), 54–62. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000300007>
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L. de, Tavares, L., & Neves, J. (2008). Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 96–111.
- Wakefield, K. L., & Wann, D. L. (2006). An examination of dysfunctional sport fans: method of classification and relationships with problem behaviors. *Journal of Leisure Research*, 38(2), 168–186.
- Wann, D. L., Carlson, J. D., & Schrader, M. P. (1999). The impact of team identification on the hostile and instrumental verbal aggression of sport spectators. *Journal of Social Behavior & Personality*, 14(2), 279–286.
- Wann, D. L., Haynes, G., McLean, B., & Pullen, P. (2003). Sport team identification and willingness to consider anonymous acts of hostile aggression. *Aggressive Behavior*, 29(5), 406–413.
- Wann, D. L., Shelton, S., Smith, T., & Walker, R. (2002). Relationship between team identification and trait aggression: a replication. *Perceptual and Motor Skills*, 94(2), 595–598.

Recebido em 09/08/2019

Aceito em 03/03/2020